

## A FLÂNERIE VIRTUAL E OS NOVOS CAMINHOS PARA A ARTE NA CIDADE

Elaine Cristina Azevedo da Trindade  
PPG Comunicação e cultura/ UFRJ

ISSN 2316-6479

### Resumo

Diante das alterações sensíveis vivenciadas pela sociedade moderna, surge um personagem, que ao mesmo tempo em que parece não se importar com o novo ritmo imposto pela modernidade, deambula pelas ruas das grandes cidades com o objetivo de observar as transformações urbanas e sociais de uma época. O flâneur, figura emblemática da cidade moderna, vem se transformando e ganhando cada vez mais espaço na contemporaneidade em uma flânerie virtual exercida através da malha cartográfica de ferramentas como o Google Street View, dispositivo este que chama a atenção de fotógrafos e artistas para um novo caminho para arte na cidade.

**Palavras chave:** Arte contemporânea, Fotografia, Google Street View, Flâneur

### Abstract

In front of the significant changes experienced by modern society, one personage arises and while it doesn't seem to mind the new rhythm imposed by modernity, the personage walks on the streets of major cities with the objective of observing the urban and social transformations of a time. The flâneur, emblematic figure of the modern city, is being transformed and gaining more space in contemporary times in a virtual flânerie exercised through the cartographic mapping of tools like Google Street View, this device draws the attention of photographers and artists to a new way for art in the city.

**Keywords:** Contemporary art, Photography, Google Street View, Flâneur

## 1 O flâneur e a cidade moderna

A Revolução Industrial, que ocorreu entre os séculos XVIII e XIX foi um dos marcos transformadores para a sociedade europeia, o que logo se refletiu sobre as cidades que se transformaram em áreas urbanas movimentadas, hiperestimuladas e com grande concentração de pessoas. Paris foi um destes centros, palco de grandes manifestações e transformações políticas, artísticas e industriais. Tamanhas mudanças vieram a alterar a sensorialidade e o ritmo de vida das pessoas que habitavam estes novos centros urbanos. Neste contexto, emergia a modernidade, um conceito cultural e socioeconômico utilizado para resumir as alterações sociais e tecnológicas que ocorreram nos séculos XIX e XX, diante da enorme quantidade de estímulos, novos meios de transportes, novas tecnologias, capitalismo avançado e a explosão de uma cultura de massa. Teóricos como Simmel, Kracauer e Benjamim apontam para uma nova

concepção neurológica do homem moderno, que respondia a uma experiência subjetiva inovadora diante de choques físicos e perceptivos deste ambiente rápido, caótico, fragmentado, abarrotado de pessoas e repleto de estímulos, que por vezes chegava a ser um tanto quanto desorientador.

“O ritmo de vida também se tornou mais frenético, acelerado pelas novas formas de transporte rápido, pelos horários prementes do capitalismo moderno e pela velocidade sempre acelerada da linha de montagem” (SINGER, 2004, p. 96)

Em seu vagar pela cidade, o flâneur passava quase que despercebido, fruto de uma alteração comportamental vinda com a modernidade, já que a multidão serviu para isolar o homem, o que teria gerado um grande choque cultural visto que antes do projeto moderno de cidade as pessoas não conheciam a situação de terem de se olhar reciprocamente por um longo tempo sem se falar. É esta invisibilidade que, em certa medida, aproxima o flâneur e o detetive, uma vez que ao deambular pelas ruas o flâneur observa e investiga as pessoas, os costumes e as alterações da urbe combinando casualidade e atenta observação. Características estas que também são de fundamental importância ao fotógrafo de rua (street photographer).

A prática fotográfica sempre esteve relacionada ao registro de imagens da cidade, tanto que a fotografia reconhecida como a primeira do mundo, datada de 1826 e registrada pelo francês Joseph Nicéphore Niépce, é intitulada: “A vista da janela no Le Gras” e se trata de uma imagem de telhados e casas da rua onde Niépce morava. Assim como o flâneur, o street photographer é um observador na multidão e passando quase que despercebidamente registra as ruas, os comércios, as vitrines, a vida noturna, os personagens e as cenas do cotidiano da cidade. Deambulando pela urbe, o street photographer está sempre em busca das condições perfeitas para a realização do registro fotográfico, ou como cita o teórico Vilém Flusser sobre o gesto fotográfico: “Os movimentos de um fotógrafo munido de aparelho (ou um aparelho munido de fotógrafo) estará observando o movimento de caça. O antiquíssimo gesto do caçador paleolítico que persegue a caça na tundra” FLUSSER (2002, p.18) Este movimento a que o teórico faz referência evidencia o gesto de observar, sendo a caça o elemento a ser fotografado, o momento que depois de apreendido torna-se anacrônico. Fotógrafos como Eugène Atget, Robert Doisneau, Weegee, Brassai, Henri Cartier -Bresson e Marc Ribaud registraram Paris e várias cidades do mundo em busca desse momento decisivo, revelando o dia-a-dia da cidade, a vida noturna, o comércio, o trabalho e os personagens que circulavam pela urbe no século XX.

## 2 A transformação do flâneur: das ruas às redes

Com o passar do tempo, o flâneur se transforma e, é na internet que uma nova flânerie começa a florescer. Se na modernidade, a invisibilidade adquirida na multidão causava desconforto aos habitantes que se fitavam sem se falar, na contemporaneidade tal comportamento é considerado normal e cada vez mais os corpos que habitam a cidade estão isolados, individualizados. A vigilância, no entanto, tem se tornado cada vez mais presente através de objetos técnicos como câmeras de vigilância, aparelhos de celular com câmera fotográfica integrada, entre outros dispositivos, permitindo um outro tipo de contato com a cidade, no qual o vagar torna-se um navegar por entre links no ciberespaço, inaugurando o que Lemos (2000) chama de “Ciberflânerie”: um passear, não-linear, por espaços relacionais de informação eletrônica. Como o transeunte errante, o flâneur virtual passeia pelas avenidas do ciberespaço que o leva a vários lugares, sem ter um caminho específico a seguir. De acordo com Manovitch (2005), as limitações da cidade que vieram a impedir o florescimento da flânerie, não acontecem no ciberespaço, onde não há espaço físico limitador. Ainda segundo o teórico, o ciberflâneur seria um expert em se mover na rede, indo de um objeto a outro, observando, aprendendo e assimilando conhecimento. Ele caminha pelos links de modo a inventar uma nova relação com o mundo em que vive. Para Lemos (2000), o ciberespaço pode ser considerado um local no qual pode-se experienciar novas relações simbióticas entre o espaço da cidade e um novo espaço cibernético, aproximando-se do conceito Baudeleriano de flâneur por conta da relação rizomática e descentralizada com o espaço, onde o ciberflâneur, ao invés de deambular por entre ruas, passeia por um mar de dados que compõe a malha de informações virtuais.

“ A ciberflânerie traduz-se em uma apropriação do ciberespaço pela hipérbole, pela profusão de informações, pelo excesso. O ciberespaço é esse lugar e espaço relacional, mapa dado, mas também reconstruído sem cessar” (LEMOS apud FRAGOSO, 2000, p.85)

É nesta mesma trama do ciberespaço que se encontra atualmente a cidade virtualizada, potencializadora da flânerie virtual, na qual o flâneur não tem mais uma relação temporal-espacial. No ciberespaço não há limite, possibilitando o vagar por entre ruas dos mais variados países em poucos minutos. Se a flânerie moderna tinha como principais incentivadores os pés e o olhos do flâneur, na contemporaneidade são as mãos que guiam o indivíduo em seu deambular pela cartografia cibernética do Google Street View, através da qual Paris, Rio de

Janeiro, Nova Iorque, Barcelona, Tóquio, entre tantas cidades, estão a distância de apenas um clique.

O Google Street View é atualmente a principal ferramenta de virtualização da cidade e está disponível no site Google Maps e no dispositivo Google Earth. Desenvolvida em 2007, com objetivo de ser um dispositivo de geolocalização, a nova tecnologia foi implantada nos Estados Unidos e logo se espalhou pelos mais diversos países do globo terrestre. No Brasil, o mapeamento teve início apenas em 2010. O objetivo primeiro do Google Street View seria o de através da virtualização da cidade, facilitar a locomoção de seus indivíduos que, através de coordenadas geográficas, pontos de referência e mapa de imagens fotográficas, podem circular virtualmente pelos locais mapeados. As imagens fotográficas que fazem parte do acervo do Google Street View são registradas através de um dispositivo criado pela própria empresa e, é composto por uma esfera na qual se encontram nove câmeras fotográficas integradas. O nine-eyes é acoplado a veículos Google como automóveis, motocicletas, bicicletas e até em moto neve, de modo a mapear os lugares menos prováveis do planeta. Uma das principais características do dispositivo é a captação aleatória das imagens, que são registradas de forma panorâmica (360 graus) e ao nível da rua, ou seja, do mesmo ângulo de uma pessoa ao caminhar, daí street view.

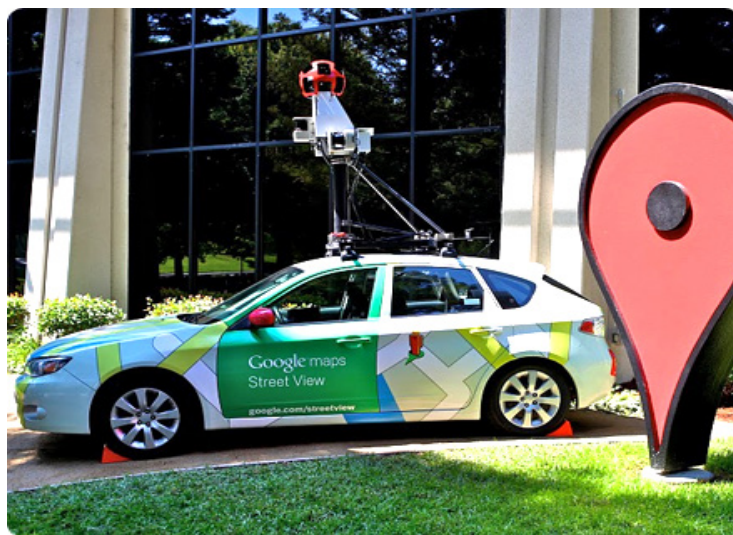


Imagem 01: sem título, Google Street View (2009)

### 3 Novos caminhos para a arte na cidade

Apesar de ter sido concebida como uma ferramenta de geolocalização, o Google Street View tem chamado a atenção dos usuários para outras potencialidades e novos usos da tecnologia que com o passar do tempo tem

se transformado em um dispositivo a serviço do olhar aguçando práticas como o voyeurismo e a vigilância, além de servir como uma possibilidade para um novo fazer artístico, tanto que alguns artistas contemporâneos têm vislumbrado no Google Street View novos caminhos para a arte na cidade como é o caso do canadense Jon Rafman que ao deambular através da malha cartográfica do dispositivo encontrou registros de cenas cotidianas, porém, capazes de representar os costumes, a sociedade e a paisagem atual. Em seu trabalho “9- Eyes of Google Street View”, Rafman reuniu paisagens, imagens cotidianas e cenas inusitadas que foram exibidas em galerias e mostras como a “From Here On”, que reuniu 36 artistas contemporâneos em um dos mais tradicionais festivais de fotografias da França: Les Recontres D’Arles Photographie, na edição de 2011. Em 2013, a mostra também fez parte do Arts Santa Mônica , em Barcelona, na Espanha.

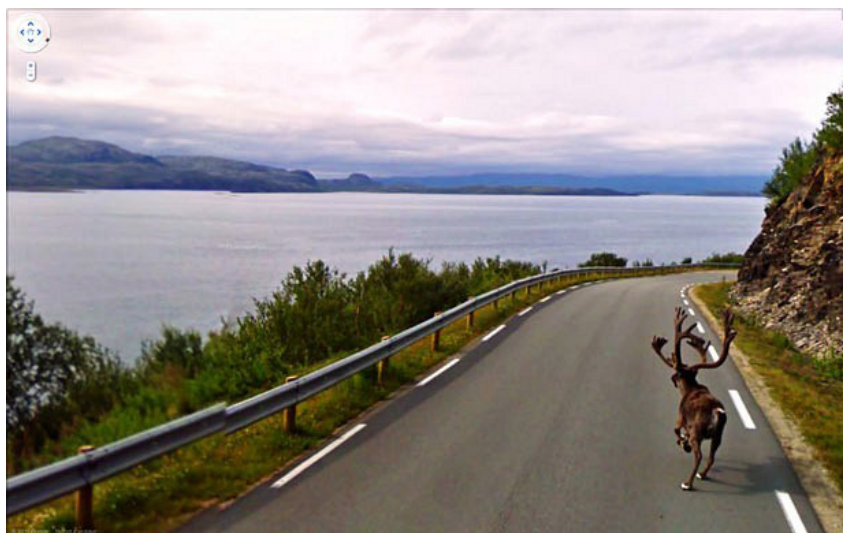


Imagem 02: sem título, Nine Eyes (sem data), Jon Rafman.

Em “No Man’s Land”, o artista belga, Miska Henner trabalha com fotografias que geram uma narrativa acerca da prostituição, já que nas imagens apropriadas por ele aparecem garotas, a beira de estradas, que supostamente seriam prostitutas. O artista alemão Aram Bartholl seguiu em uma outra linha construindo instalações gigantescas nos locais por onde o carro do Google Street View iria passar, além disso, muitas das vezes ele mesmo se coloca frente as lentes do veículo de modo a sua imagem ser capturada pelo dispositivo, explorando uma relação entre o físico e o virtual. Em uma lógica parecida, os norte-americanos Ben Kinsley e Robin Hewlett realizaram a intervenção “Street With a View”, na qual convidaram moradores de uma rua da cidade de Pittsburgh, no estado

americano da Pensilvânia, a fazerem uma performance enquanto as imagens do local eram capturadas pelo nine-eyes.

Pensando em uma estética cinematográfica, o artista e diretor de cinema Aaron Hobson viu no Google Street View a possibilidade de estudar, escolher e visitar virtualmente as futuras locações de seus filmes. Desta experiência, Hobson montou a série Cinemasclapes: Google Street View, com imagens capturas por ele entre 2011 e 2012. Outro artista cujo trabalho tem influências do dispositivo de geolocalização é o italiano Emílio Vavarella, que em “Report a Problem” evidencia a relação do homem com erros tecnológicos, as fotografias trabalhadas por Vavarella apresentam erros como duplicações, distorções, incongruências, erro de cor, entre outros equívocos no registro da imagem.

Outros dois artistas que vêm trabalhando com imagens apropriadas do Google Street View são o alemão Michael Wolf e o norte-americano Dough Rickard. Wolf percebeu a potencialidade artística do dispositivo quando precisou realizar um trabalho fotográfico em Paris, uma cidade já tão fotografada por ícones da fotografia como Henri Cartier-Bresson, Atget e Doisneau. Para fugir das imagens clichês, Wolf decidiu inovar buscando por imagens disponibilizadas através do Google Street View. Navegando pela malha cartográfica, o artista encontrou as imagens que desejava e as refotografou sobre sua visão de mundo e de artista, retirando a imagem do ambiente cartográfico virtual e tornando-a parte de seu acervo. Street photographer, tendo trabalhado como fotojornalista, Wolf recebeu em 2011 uma menção honrosa na categoria de Contemporary Issues, no World Press Photo, pela série fotográfica “ A Serie of Unfortunate Events”, que mostra cenas inusitadas e acidentes flagrados pelo dispositivo fotográfico do veículo do Google Street View.



Imagem 03: sem título, A Serie of Unfortunate Events (2010), Michael Wolf.

O artista californiano Dough Rickard se destaca por retratar a vida cotidiana da periferia dos Estados Unidos. Em sua mostra “A New American Picture”, Rickard, assim como Wolf, aposta em uma nova perspectiva para o street photography, tendo na cartografia uma nova representação visual da cidade e de suas relações com o momento presente, a cultura local, a sociedade e seu modo de ser e de estar no mundo.



Imagem 04: sem título, A New American Picture (sem data), Dough Rickard.

“O fotógrafo caça a fim de descobrir visões até então jamais percebidas. E quer descobri-las no interior do aparelho” FLUSSER (2002, p.18). A descoberta de novas visões é uma das principais preocupação do fotógrafo tradicional, aquele que está fisicamente onde o fato acontece, mas é também a dos fotógrafos e artistas que tem no Google Street View uma ferramenta de trabalho. São grandes os questionamentos acerca desta nova prática, seja quanto a questão da autoria das imagens, passando pela discussão das bases do fotojornalismo ou sobre o enquadramento estilístico desta nova fotografia. No entanto, esta flanerie virtual, esta prática de garimpar por novas visões através do Google Street View evidencia um novo caminho para a arte na cidade, já que o artista, com seu trabalho, procura chamar a atenção para fatos que ele julga relevantes para a sociedade, seja com a finalidade de gerar um debate em torno de uma crítica social ou apenas para documentar a cidade e seus personagens. Ao retirar a fotografia de seu contexto cartográfico, o artista faz uma curadoria de imagens do mundo. Ele identifica a cena a ser trabalhada, interpreta o momento registrado, refotografa a imagem exibida na tela de seu computador, segundo seu ponto de vista, e a disponibiliza como objeto artístico de reflexão social.

## Referências bibliográficas

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a Modernidade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1996.

BENJAMIN, Walter . *Obras Escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. 3ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COUQUELIN, Anne. *A Invenção da Paisagem*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992

\_\_\_\_\_. *¿ Que és un dispositivo?* In: Michel Foucault, Filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990.

DUBOIS, Philippe. *O Ato Fotográfico*. Campinas: Papyrus, 1994.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

LE MOS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 2 ed. Porto Alegre: Sulinas, 2004.

\_\_\_\_\_. *Ciberflânerie*. In *Temas em Contemporaneidade, Imaginário e Teatralidade*. São Paulo: Annablume, 2000.

MANOVICH, Lev. *Espaço Navegável*. In: *Revista de Comunicação e Linguagens*. Lisboa: Relógio D' água, 2005.

SINGER, Ben. *Modernidade, Hiperestímulo e o Início do Sensacionalismo Popular*. In *Cinema e a Invenção da Vida Moderna*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

## Documentos Eletrônicos

ALLEN, Greg. *Michael Wolf wins World Press Photo Honorable Mention of Google Street View photos*. Disponível em: < [http://greg.org/archive/2011/02/13/michael\\_wolf\\_wins\\_world\\_press\\_photo\\_honorable\\_mention\\_for\\_google\\_street\\_view\\_photos.html](http://greg.org/archive/2011/02/13/michael_wolf_wins_world_press_photo_honorable_mention_for_google_street_view_photos.html) >. Acesso em: 20 de Junho de 2013.

CHÉROUX, Clément; FONTCUBERTA, Joan; KESSELS, Erik; PAAR, Martin; SCHIMID, Joachim. *From Here On. Exhibitions*. 42 Edition de Les Rencontres d'Arles . Disponível em: <http://www.rencontres-arles.com>. Acesso em: 18 de maio de 2013.



GOOGLE. *Google Street View*. Disponível em <http://maps.google.com.br/intl/pt-BR/help/maps/streetview/> Acessado em: 10 de fevereiro de 2014.

---

## Minicurrículo

Elaine Cristina Azevedo da Trindade é jornalista e mestranda em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Analista em Comunicação e pesquisadora na área de tecnologias da comunicação e estéticas, estuda a representação da cidade contemporânea através das fotografias de Michael Wolf e Dough Rickard.